



Adamah, a Golem

Ivy Judensnaider*

Não sei de onde surgiu o rumor ou como a lenda sobre Adamah, a Golem, se espalhou. Como refazer o trajeto do mágico relato de uma boneca de barro que, por forças ocultas e secretas, ganhou vida e quase virou gente?

De qualquer forma, sei o que ninguém sabe: tudo teve início com Rebeca e com a violenta briga entre Hanna e Yossi.

Quando o barulho surdo fez mover a parede de gesso, Rebeca acordou assustada. Irritada, e depois apreensiva, aguardou. De novo, outro barulho. Agora, ouviam-se ruídos dos móveis arrastados, os gritos da mulher e os berros do homem.

Rebeca pensou em ligar para a portaria do prédio, pedindo providências. Depois, em telefonar para Rabi Shlomo, implorando intervenção. Desistiu. Não adiantaria nada. Yossi juraria nunca mais fazer aquilo, Hanna se comprometeria a nunca mais permitir algo parecido, Rabi Shlomo choraria envergonhado e, dali a um mês, a parede estremeceria de novo, os móveis seriam arrastados e os berros se espalhariam pela noite sem fim.

Tendo perdido o sono, Rebeca acendeu um cigarro e foi até a janela. De lá, viu o movimento noturno dos carros ansiosos em chegar ao destino. Se o casal ainda estivesse brigando, as sombras em luta se projetariam sobre o asfalto escuro e ela ao menos saberia. Na ausência de qualquer sinal, Rebeca voltou para a cama, olhos abertos e respiração apressada.

Passaram-se cinco semanas antes que Hanna, a vizinha, pudesse voltar a comer. Durante esse tempo, apenas conseguiu engolir a sopa aguada que Rebeca levava todos os dias ao hospital. Mais três semanas e ela pôde urinar. Mais duas e ela voltou para casa, cabisbaixa, a pele aparecendo por entre os tufos de cabelos arrancados. Rebeca a trouxe de volta para o apartamento e dela cuidou.

Rabi Shlomo veio visitá-las e prometeu. Conversara com Yossi e ele também prometera. Jamais. Jamais aconteceria de novo. Caso acontecesse, ele mesmo, Rabi Shlomo, cuidaria do *guet*, divórcio. Hanna escreveu para outro Rabi, em Jerusalém que, por sua vez, escreveu um choroso pedido num pequeno papel depois enfiado num vão do Muro. Nunca mais.

O Muro tem poderes mágicos. Eles pararam de brigar e Hanna engravidou. Quando Yankel nasceu, todos pensaram que os problemas haviam acabado. Até mesmo Rebeca: aquilo não se repetiria. No entanto, ela continuou a acordar no meio da madrugada, não sendo mais necessário o som surdo da parede de gesso a gemer.

Rebeca não era vidente, tampouco capaz de qualquer intuição acima do normal. Era moça tranquila, um pouco pálida demais, solteirona esquecida nos seus trinta e sete anos. Cuidara da avó, depois da mãe, depois de uma tia desenganada pelo câncer que vivera mais cinco anos além do esperado. Depois de tanto sacrifício, Rebeca resolvera viver só. Quando chegasse a hora de morrer e não houvesse ninguém para dela cuidar, provavelmente se atiraria nos trilhos do metrô. Não que pretendesse partir cedo: a vida era boa, sem sobressaltos, e nem sempre se percebia a solidão, imensa. Do que mais ela precisava?



Soube que precisava ser mais do que era, soube que precisava ter mais do que tinha quando Yossi, depois de uma bebedeira, atacou Hanna e o bebê.

Se Tzipora, filha de Rahel, não tivesse nascido antes do tempo, Rabi Shlomo não teria viajado para os Estados Unidos e tudo seria diferente. Ele teria contido Yossi, Hanna não teria se machucado, o pequeno Yankel não teria ficado tão apavorado e Rebeca não teria sido violentada. Conversei sobre isso com Rebeca: teria sido diferente, porque homem tão bondoso e tão santo quanto Rabi Shlomo era difícil de encontrar.

Ainda bem que as coisas aconteceram daquele jeito, disse Rebeca, apesar de toda a dor e de todo o luto. Se Rabi Shlomo estivesse em São Paulo, ela e Hanna não teriam conhecido as outras, todas aquelas mulheres desesperadas, sofridas e machucadas. Machucadas pelos maridos, ex-maridos, amantes, ex-namorados, pais e irmãos. Machucadas pela vida, fragilizadas, acossadas pela imobilidade, pela violência e pela necessidade de dar conta da criação dos filhos. Cada uma delas tinha uma história e, ao final, todas as histórias se pareciam. Mudavam apenas os nomes, os lugares e os ossos quebrados, no restante tudo muito igual. Feridas semelhantes.

Feridas são assim: nascem e crescem, apesar de mascaradas pelo correr das horas e dos dias. Imaginamos a cura, mas o machucado está lá, aguardando o cutucão para sangrar novamente.

O tempo é traidor: cria cascas de pele endurecida e, aproveitando o descuido, joga a pessoa no chão, arranhando o corpo exatamente naquele ponto que se imaginava sarado. O tomo machuca menos do que nas vezes anteriores, mas o buraco, que já era grande, fica enorme. A dor então se torna insuportável, a cura impossível e a esperança inexistente.

Tempos de desesperança são assim. Deixam todos prostrados. Anunciam o fim do mundo. Se o fim do mundo estivesse distante, Adamah não teria surgira do barro, os seios ainda infantis.

O que D's criou, apenas pode ser destruído por Ele. Os seres aquáticos e terrestres, as aves, os campos, o mar e o ar. Tudo obra Dele, e somente a Ele sendo permitida a magia da Criação do mundo. Por isso, quando nos encontramos no limiar do desespero e do abandono, Ele manda algo. Ou alguém. Ele nos salva, de um modo ou de outro.

Às vezes, Ele envia sinais que não compreendemos. Às vezes, Ele nos transmite um pouco do Seu poder criador e, então, erramos ou acertamos. Em algumas dessas oportunidades, aproximamo-nos mais do Mal. Em outras, aproximamo-nos mais do seu Infinito e Desconhecido reino.

Rebeca pensava: chegara a hora de um milagre.

Estavam todas elas na casa de Rebeca. Judias e não judias. Moças e velhas. Letradas e iletradas. Reuniram-se na varanda do apartamento de Rebeca e começaram a conversar baixinho, que ninguém as escutasse. Não planejaram. Quando viram, estavam rezando. Quando perceberam, amassavam e moldavam a terra colhida no jardim. Quando viram, estavam em círculo e pronunciavam os Sagrados Nomes. Não apenas os Nomes, mas também o início de todos os tempos, o Êxodo original, a construção do Muro, o Shoah e o sacrifício de sempre, o da carne massacrada e dos corpos empurrados ao chão.

Os pensamentos incluíam outros, mais puros e divinos. O momento da entrega ao amor, por aquelas que já haviam amado. O momento da concepção e o da amamentação, por aquelas que



tinham filhos. O momento de fechar para sempre os olhos das pessoas amadas, por aquelas que já haviam perdido mãe e pai.

D's não concede magia a qualquer um. Nisso pensei depois, quando ouvi dizer que Adamah era obra dos hereges e dos pecadores. Impossível, simplesmente impossível.

Daquela terra surgiu Adamah. Imensa, quase dois metros, feições eslavas e lábios de negra, as pálpebras assustadas de um peixe e o olhar mais profundo do que o mais profundo dos abismos. Feita de barro vermelho, com pequenas manchas mais claras distribuídas pelo corpo. Perfume de chuva e de lavoura. Uma aura empoeirada que deixava rastros. Mãos e pés parecendo troncos de árvore, nariz adunco e um umbigo que parecia ligar o Universo ao centro da Terra.

D's manda um de seus seres ao mundo dos homens quando algo precisa ser feito e Adamah, antes mesmo que Rebeca e Hanna pudessem lhe ensinar modos ou lhe prender o cabelo com uma fita, partiu pelo mundo para o acerto de contas. Caminhando a passos largos, arruinando o asfalto e as plantações, atropelando carros e desgovernando trens, provocando terremotos e deslizamentos, Adamah alcançou Yossi, escondido numa *yeshiva*, só parando de esbofeteá-lo após a intervenção de outros que rezavam. Depois, viajou para o Irã, lá chegando minutos antes que Guita Nahal fosse açoitada e apedrejada sob a acusação de adultério. Invadindo o pátio de execução, e sem dar aos guardas qualquer chance de reação, ela colocou a mulher apavorada nos ombros e partiu. No México, destruiu uma fábrica clandestina, libertando quase uma centena de mulheres que trabalhavam na escuridão de um subsolo. No Amazonas, incendiou um bar em que jovens índias se prostituíam. No Pará, invadiu uma cadeia masculina onde dezenas de homens estupravam Lucinda Aparecida, meninota de doze anos, ali largada por engano e irresponsabilidade. Em Israel, esbofeteou religiosos que hostilizavam Hanna Safti, supostamente vestida de maneira inadequada. Ainda em Israel, derrubou parte do muro que cercava o território palestino, permitindo que mulheres buscassem água e alimento para seus filhos. Em Israel, protegeu Amira Gabra, etíope, da fúria de racistas que a ofendiam. Na Paraíba, pisoteou os manguezais, tirando mulheres imundas e caranguejos apavorados do meio do lodo. No Afeganistão, agarrou Farrin Hamasa pelo pescoço antes que ele, com uma faca, cortasse o nariz da irmã que, sem a burka, aliviava-se do calor à beira de um rio.

Rebeca contou o que se passava para Rabi Shlomo. Errado, estava tudo errado, repetia o homem sem parar... Com que autorização e fazendo jus a que direito? Como elas ousavam criar uma Golem? Nunca, jamais alguém ouvira falar de uma Golem! Sim, sabia do Golem que o Maharal de Praga, há mais de quatrocentos anos, havia criado para proteger o povo judeu. Mas, ele argumentava, aqueles haviam sido tempos de terríveis *pogroms* e o Maharal era um justo, um *tzadik*! Ali, a situação era outra, e teria continuado a admoestar Rebeca se Adamah não se encostasse ao umbral da porta, em solene silêncio e com o olhar fixo no rabino.

Preocupadas, Rebeca e as outras acompanhavam os jornais. Por que ninguém falava de Adamah ou de seus feitos? Desconfiavam, intuía que os presidentes das mais importantes nações e as organizações internacionais houvessem pedido silêncio à imprensa. Afinal, que facção terrorista apoiava Adamah? De onde vinham os recursos para a sua ação? Como compreender suas posições ideológicas? Quais seus objetivos e o que faria para atingi-los? Como deveriam se posicionar a OTAN e a ONU em relação ao raio de alcance de Adamah?

Secretamente, exércitos foram colocados em prontidão e espíões espalharam-se pelo mundo. As fronteiras entre Armênia e Azerbaidjão aquietaram-se. Hutus e tutsis fizeram as pazes em



Ruanda, unindo esforços para qualquer guerra maior que se fizesse necessária. A primavera transformou-se em outono. A Líbia, a Tunísia e a Síria iniciaram o treinamento de milícias especiais nos confins dos desertos. Os líderes da Índia, do Paquistão e do Sri Lanka assinaram tratados de trégua. Na ausência de qualquer explicação, afundado num temor sem qualquer medida ou fronteira, o mundo permaneceu em silêncio. Tudo que era heterogamético aquietou-se, aguardando os acontecimentos.

Embora Adamah permanecesse em silêncio, apenas alguém desavisado poderia imaginar que a gigante não alimentasse o desejo de falar. Ela ficava encostada próxima à televisão, acompanhando com os olhos o movimento das bocas das imagens que se sucediam, em preto em branco ou em cores. Quando Rebeca, Hanna e as outras mulheres reuniam-se na sala, Adamah concentrava-se em tentar entender o estranho mecanismo que permitia os sons: mais graves, mais agudos, às vezes melódiosos, outras vezes repletos de amargura e sofrimento.

Certa noite, quando todos dormiam, a Golem foi para as ruas desertas e tentou falar. No começo, conseguiu um guincho parecido com o barulho de um rato sendo esmigalhado. Depois de alguns dias, emitiu um som de baleia, quase um canto. Na semana seguinte, foi capaz de recitar o *Shemá Israel*.

Não gostava de conversar, porém. Na cabana construída no topo do prédio de Rebeca e Hanna, Adamah admirava as estrelas noturnas, o amanhecer alaranjado, as tardes de chuva ou calor, as pessoas correndo para o trabalho, correndo para casa, correndo para os filhos. Estudava muito, lendo tudo o que lhe caía nas mãos: filosofia, antropologia, histórias diversas, físicas, biologia, tratados de engenharia, manuais de manicure e tratados gastronômicos. As necessidades humanas eram estranhas: comer, beber, chorar, evacuar e dormir, nada disso parecia fazer o menor sentido. Que insondável era a infinita sabedoria de D's!

Mais do que tudo, Adamah gostaria de ser como Rebeca, Hanna e como as outras.

A primeira pergunta que Adamah se fazia: era gente ou era coisa? Pedras, areia, montanhas, rios e bosques eram coisas, como ela mesma era antes de ter uma *neshamá*, alma. Ou seriam gentes apenas aqueles semelhantes à Rebeca? Caso não fosse gente, seria coisa. E coisa não era, porque podia se mover, falar e pensar.

Coisas eram capazes de pensar? No que ela pensava antes de ser Adamah? Tinha uma vaga lembrança de um tempo em que ficava no jardim, imóvel, aguardando o vento, o sol ou a chuva. Lembrava-se de minhocas e de raízes. De mãos e de pás. Como era possível lembrar-se de um tempo em que era só terra? Ou a alma que a ela fora destinada podia recordar o tempo da inexistência?

Era gente, portanto. Por ter uma alma, ela era gente. Gente diferente das outras gentes, mas gente. Uma gente de terra sujeita a se desmanchar caso fosse alcançada pelo vento forte, mas gente. Sem pele, ossos ou sangue, mas gente. Dessa reflexão resultava uma segunda pergunta: que tipo de gente era ela? Ela era mulher?

Mulheres menstruam, às vezes fazem amor, às vezes geram filhos que geram netos e que geram bisnetos. Ela era capaz de tudo isso? Pensara, certa vez, estar na menarca: as cólicas apertaram seu ventre, os seios incharam e a angústia a deixou insone e ansiosa. No entanto, nenhum sangue escorrera; apenas soube, pela televisão e pelas conversas, de inúmeros vulcões, alguns até dormentes e extintos, que haviam entrado em atividade no Chile, na Itália, no México, nos



Açores e na Islândia. Nos mais recônditos cantos do mundo, a terra se moveu e se agitou... Adamah apenas endureceu, não sangrou. Tentou, então, fazer-se mulher pelo amor.

Amor é algo que fazemos com os da nossa própria espécie e Adamah partiu em busca de sua alma gêmea. No Rio de Janeiro, ofereceu-se para o Cristo Redentor e nada aconteceu. O mesmo aconteceu em Kamakura, no Japão, quando se viu diante do Grande Buda. Imaginando que o fracasso estivesse relacionado a questões étnicas, tentou seduzir, em São Paulo, Borba Gato, bandeirante e descobridor de minas, provável descendente de cristãos-novos. Nenhum deles manifestou a menor vontade de corresponder aos seus desejos e Adamah soube que não teria filhos, netos e bisnetos.

Virgem e estéril. Assim Adamah seguiria pela vida. Poderia, no entanto, viver uma boa vida, uma vida de acordo com os preceitos judaicos. Essa vontade a conduzia à terceira questão: afinal, era judia?

São judeus os filhos de ventre judaico e Adamah nascera da terra. Como, então, saber se era ou não judia? Era judaica apenas a terra de Israel ou era judia qualquer terra, desde que abençoada por um Rabi? Havia uma terra *goy*, um não judeu? Como transformar uma terra *goy* em Terra Santa?

Deveria observar os seiscentos e treze mandamentos da *Torá*, obrigatórios para judeus? Ou deveria apenas obedecer aos sete preceitos de *Noah*, os preceitos que todos, judeus e não judeus, deveriam seguir para que tivessem um lugar perto Dele? Era evidente que não se tratava apenas de uma diferença numérica, mas de algo muito maior e mais importante: Adamah poderia se concentrar em não matar, não roubar, não adorar falsos deuses, não comer os membros de um animal vivo e não amaldiçoar D's. Também seria fácil não praticar imoralidades sexuais, já que ninguém a queria. Quanto à busca por justiça, era essa exatamente a sua missão, proteger todas as mulheres da violência e do preconceito. No entanto, caso fosse judia, como justificar o não cumprimento dos demais seiscentos e seis preceitos? E, se os cumprisse na condição de gentia, como justificar tamanha arrogância e desrespeito?

D's fez o céu, a terra, a luz e a água, e da água fez todos os seres. Na dúvida, Adamah achou por bem mergulhar no *micvê*, na banheira ritual, banhando-se nas águas abençoadas que garantiriam sua purificação. Cansada de tentar localizar um que fosse do seu tamanho, e após muita leitura, descobriu que poderia fazer o mar de *micvê*, verdadeira fonte natural em cuja imersão conseguiria eliminar qualquer impureza. Foi contida por Rebeca que, entristecida, lembrou-lhe do perigo: o mar poderia desmanchá-la.

Coisa ou gente, homem ou mulher, judia ou gentia. Sem se saber ou se entender, Adamah entrou em profunda depressão.

D's criou as montanhas, os mares, o céu e o Sol. Criou a Natureza, dando a ela vida e livre arbítrio, os mesmos benefícios concedidos aos seus filhos. Não que Ele fosse indiferente às hordas de desabrigados e mortos, vítimas dos efeitos dos tsunamis, das nevascas, das enchentes e dos furacões. Não que Ele fosse insensível. O que Ele fazia era, tão somente, usufruir a Criação em toda a sua plenitude. Afinal, qual o sentido do Ato se não Lhe fosse permitida a contemplação do movimento errante e errático dos frutos de sua obra?

D's nos deu o poder da decisão, a possibilidade de fazer escolhas, o privilégio de agirmos conforme nossa consciência. Imersos nesse imenso espectro de tons de cinza, temos de julgar e discernir. Se, no início, Adamah havia sido recebida de braços abertos, agora as mulheres por



ela defendidas duvidavam: Adamah era capaz de entender as minúcias, os detalhes e as singularidades das relações entre pessoas de gêneros diferentes? Estava Adamah apta a entender a complexidade do mundo? Rebeca ouvia os argumentos das amigas, o coração acelerado e a alma angustiada.

A prostração emocional de Adamah acentuou-se. Saía em busca de justiça e voltava derrotada. Em Santa Catarina, imobilizada, não soube como cumprir a missão que lhe fora designada. Deveria socorrer ou castigar a mãe que acorrentava a filha ao pé da cama para poder trabalhar com tranquilidade? Na Somália, viu dezenas de mulheres brigando por um saco de farinha; estática, não soube a quem proteger. Na França, incapaz de tomar qualquer decisão, só conseguiu acompanhar com os olhos a mulher que escondia uma bomba no banheiro de um restaurante, depois destruído pelas chamas suicidas. Como agir, se aquelas mulheres se voltavam contra elas mesmas? Como decidir, se algumas mulheres apedrejavam outras, se mulheres exploravam mulheres, se nada parecia ser o que era esperado, se não estava claro o que cada um poderia ser e como deveria se comportar?

Adamah, a Golem, desesperou-se. Uivando sem parar, viciou-se na bebida e, em poucos dias, consumiu os tonéis de vinho *casher* guardados nos fundos da garagem do prédio. Bêbada, cambaleava pelas ruas, destruindo muros e semáforos, resmungando e delirando até, finalmente, desmaiar.

Somente Ele pode desfazer, apenas Ele pode voltar atrás como se nada tivesse acontecido. Ele faz o tempo parar, retroceder e avançar: a nós apenas é permitido consertar os erros, minimizar os danos, corrigir. Enquanto Ele paira sobre tudo, impune e preservado, nós, e todos os seres por Ele criados, carregamos o fardo da responsabilidade dos nossos atos e de nossas escolhas.

D's considerou e concedeu, permitindo à Rebeca reverter a magia da criação de Adamah. Não havia outra solução, não era mais possível esperar. Hanna argumentou com as amigas: que ficassem satisfeitas com a sorte de a imprensa ter se calado, de as pessoas terem confundido aquela boneca gigante de barro com algum armamento estranho e secreto; só não dava mais para postergar a solução que todas sabiam ser a melhor. Rebeca não se sentia culpada: afinal, como adivinhar a fúria de Adamah diante dos mísseis que atingiam Tel Aviv e Gaza? Como consolar a sua dor diante do corpo carbonizado da criança assassinada? Israelense ou palestina? Menina ou menino? Desesperada, Adamah só conseguia gritar. Como entender o incompreensível e inexplicável?

Percorrendo o inverso dos passos anteriormente caminhados, Rebeca e as mulheres reverteram a magia. Reunidas, novamente murmuraram os Nomes Sagrados. Reunidas, invocaram o início dos tempos. Reunidas, recordaram todos os sacrifícios, todas as misérias, todos os êxodos, os Patriarcas e as Matriarcas, os templos e as orações.

Adamah havia desaparecido no meio da poeira até que dela não sobrasse nada; da terra havia surgido, à terra voltara. Ao menos, foi isso que aos outros contaram Rebeca e as mulheres. Reunidas, disseram para Rabi Shlomo ter sido tudo aquilo apenas um enorme equívoco. Reunidas, explicaram ao mundo ter sido tudo aquilo apenas um sonho.

Sonhos são sonhados para que possamos esquecer o que não somos capazes de entender. Assim, de Adamah ninguém mais falou, o rumor se desfazendo com a mesma rapidez com a qual se espalhara. Os governos, aliviados, também se calaram, os exércitos foram desmobilizados e os espíões trazidos de volta para o conforto de suas casas.



Embora haja quem diga que Adamah nunca existiu, outros afirmam tê-la visto e tê-la tocado. Aqui ou acolá, num dia chuvoso ou noutra iluminado pelo sol, de vez em quando, alguém lembra e conta. Também dela se recordam as mulheres salvas, especialmente quando o vento invade as cidades, marcando os móveis e a pele de forma tênue, ou quando os vulcões se cansam de descansar e acordam para a vida, lançando fogos e brasas.

Quanto a mim, prefiro acreditar que ela está viva: escondida na garagem do prédio, Adamah deve passar os dias e as noites insones a estudar, compulsivamente. Tenho certeza, porque já ouvi relatos de homens que, curiosos, tentaram encontrá-la no sótão e que, sós e enlouquecidos, de lá saíram. Tenho fé: D's, na sua imensa e infinita sabedoria, jamais permitiria que tamanha magia se perdesse. Da mesma forma como fez com outros milagres, da mesma forma como entendeu que não estávamos preparados para ouvir a Sua voz no deserto, Ele apenas aguarda que Adamah esteja pronta para mandá-la para nós, mais uma vez.

* **Ivy Judensnaider** é economista e Mestre em História da Ciência. Escritora, roteirista de cinema e professora universitária, coordena o curso de Ciências Econômicas na UNIP/Campus Marquês – São Paulo.